

A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.745

Sábado, 2 de Agosto de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada de Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-9

Oficinas de impressão — 454 da Atalaia, 111 e 111

A U. S. O. do Pôrto realiza amanhã, às 10 horas, uma sessão de protesto contra o espírito guerrista alimentado pelas ambições capitalísticas.

A COERÊNCIA DOS POLÍTICOS

Andam os democráticos agora todos empenhados na grande campanha da república radical. Mestre José Domingos dos Santos, empunhando a batuta de regente, ataca o novo hino revolucionário, meio Marselheza meio Internacional, mas atraígo-a-se um pouco, porque, às vezes, rompem da orquestra, notas insolitas, revivescência do antigo canto chão do seminário.

Porque este republicano radical, genuíno ateu, antíntico livre pensador, nivelador de classes, já foi um aprendiz de clérigo, temido a Deus, aceitando a Igreja e as entidades autoridades constituidas. Diz ele que nesse tempo era anarquista, outro inconcebível mistério que nem ele é capaz de explicar...

Querem os democráticos, dizem eles, uma república que seja bem republicana. E o maior, citando João Chagas, concorda com o que este disse em tempos, e certamente já esqueceu: a república, ou é socialista ou não é nada...

A lei da separação tornará à categoria do intangível, e a respeito da legação no Vaticano vai ser um ar que lhe deu, por maior que seja a influência do dr. Augusto do Castro, junto dos homens do grande partido.

Zé Povo esfrega os olhos, julgando que está a sonhar. Pois não são estes os mesmos que tomaram conta da república, que a têm feito à sua imagem e semelhança? Se há Moagem rapace, Finança especuladora, Comércio explorador, a quem o devemos senão a esses mesmos democráticos que têm sido os donos disto?

Se há ainda legação do Vaticano, quem a tem mantido senão o partido que dispõe e tem disposto da maioria nas câmaras? E não foi o próprio dr. Afonso Costa um dos maiores defensores das relações diplomáticas com a Santa Sé, dizia ele que, para fiscalizar a política da Igreja?

Por quem nos tomam esses radicais da última hora que, detendo o poder inúmeras vezes, e governando o país como se fosse uma roça, nunca se lembraram de fazer a tal república socialista, nem de realizar mesmo algumas comessinhas reformas, tantas vezes reclamadas?

Supõe-se que os radicais, iníquos capazes de os acreditar, porque nos aparecem agora com a bandeira bolchevista?

Como se explica, seus almas do diabo, (chamar-lhes almas de Deus seria ofendê-los no seu ateísmo actual) que vocês, sendo tão avançados, tão radicais, tão espíritos modernos, estejam apegados a essa coisa dos governadores civis e administradores dos concelhos, que vocês querem sejam todos democráticos? Para onde vão então os princípios radicais? Então não é uma reivindicação da política radical que essas autoridades administrativas sejam absolutamente independentes dos governos e não tenham caráter político?

Então aquilo que a própria monarquia conseguiu realizar é ainda inopportunamente para os radicalões do democrátismo? Para que, em vez de pregar que não sejam pelo ministro do interior nomeados os governadores civis e por estes indicados os administradores dos concelhos, mas a vida administrativa do regime seja organizada em bases mais livres e carácter mais popular, vocês pregam, pelo contrário, a montagem da lei eleitoral, a subordinação das autoridades administrativas ao ministro do interior, para este poder tranquilamente manobrar o eleitorado, exercer represálias e violências para impedir o voto dos adversários? E ésta a vossa consciência de homens de ideias avançadas?

Pintados de vermelho, os cartazes supõem que ninguém os conhece, que não se vai descobrir em cada um d'elos autôres de verdadeiras traquibérmias, de traições à liberdade e a todas as promessas que fizeram no tempo da propaganda, os que já entoam republicanos, e de hipocrisias e dissimulações que então eram ainda

monárquicos e vieram para o mais numeroso partido da república para o continuarem a ser. Já não enganam ninguém com os seus contos do vigário, as suas árias estafadas de republicanismo ruivo. Todos nós sabemos o que vale a sua consciência de políticos. Se amanhã se proclamasse a monarquia haviam de vê-los quasi todos, os que hoje blasfemam de mais radicais, a quererem passar por monárquicos históricos.

Se tudo isso tem apenas como objectivo captar mais alguns milhares de votos e arrancar a massa trabalhadora à sua abstenção costumeira, que é a melhor manifestação de desprezo e de scepticismo pelos políticos, todo o vosso trabalho é perdido porque já ninguém se deixa arrastar pelas cantigas das serias, nem mais serias de barba e cuja voz não tem nenhum encanto melifluso. As perseguições ao operariado quem as iniciou dentro da República? Quem lhes fechou as associações de classe, restabeleceu uma espécie de lei de 13 de Fevereiro e perseguiu os militantes sociais, com o pretexto dos tentados dinamitistas? Quem criou leis de exceção para os julgamentos e espalhou pela província uma guarda pretoriana pondo constantemente em risco a vida dos trabalhadores e defendendo a ganância dos patrões? Quem, senão os democráticos? E dentre eles, protestaram alguma vez os que se dizem agora democráticos? Não. Como querem então ser creditados agora?

Ideias radicais? Mas onde está a sinceridade e a coerência dos seus pregadores?

Uma administração como a dos Caminhos de Ferro do Estado, que tem à sua frente o homem militamente conhecido pelo Pinto das grozias, cujos atestados de competência e honorabilidade são passados por um civil, que o esbeteia, insulta e ameaça dentro do edifício da própria administração, na presença de sobordínados seus, é uma administração falida, que ninguém pode tomar a sério. O sr. Pinto Teixeira, entretanto, não entende assim e pregando-se, não o homem das grozias, mas o homem da situação, única autoridade por todos os fóruns e afirma categoricamente que está ali para manter a disciplina.

A sua figura cada vez se ridiculariza mais perante o povo, que vê no sr. Pinto, apenas um major do exército avançado em administrador ferroviário, sem nada perceber dos assuntos que lhe são apresentados, tomando attitudes de homem austero, quando não passa afinal dum insignificante cobarde que nem fisca nem militarmente se desfazeu da violenta agressão de que foi alvo. A disciplina, aquela disciplina vaga e sórdida, que é ananágio dos imbecis e dos tarados, é a disciplina que o sr. Pinto Teixeira quer impor ao pessoal e que é um exemplo expressivo a resposta dada por ele a um documento emanado da Comissão Administrativa da Caixa de Reformas e Pensões, a propósito dum assunto oficial que lhe foi apresentado — não tomo conhecimento, porque a administração geral não aceita representações coletivas.

Para que 'A Batalha' seja maior

Os ferroviários do Sul e Sueste estão recolhendo donativos para custearem as despesas com as grandes remodelações que "A Batalha" em breve vai iniciar

São deveras animadoras as provas de solidariedade que diariamente o órgão dos trabalhadores recebe de todas as classes e de todos os pontos do país.

Hoje, são os ferroviários do Sul e Sueste que lançam um apelo a toda a classe para dotarem A Batalha das condições e dos meios que a levam a cumprir a sua missão, como órgão da maior corrente de opinião pública.

O proletariado não pode nem deve continuar com um órgão na imprensa cheio de deficiências.

Publicamos hoje reprodução em zinco do vigoroso apelo editado pela Comissão Administrativa do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste:

PELO ORGÃO
do Proletariado Português

* * * A BATALHA *

Apelo aos ferroviários do Sul e Sueste

Em sua sessão de dia 23 do corrente, esta Comissão Administrativa resolveu lançar um energico apelo a todos os ferroviários do Sul e Sueste para que no jornal A Batalha, órgão do proletariado português fosse prestada pela classe a solidariedade material a que neste momento o mesmo jornal tem dirigido, pés suas brilhantes atitudes, tomadas nos transes mais decisivos das lutas proletárias, em cujo número estão aquelas que os ferroviários do Sul e Sueste têm sustentado em defesa dos seus direitos continuamente postergados.

A Batalha, que vive só e unicamente de trabalho para o povo trabalhador, apela para todos os trabalhadores portugueses, solicitando o auxílio que carregue para que sua missão seja mais completa e se exerça com maior eficácia.

Perante esse apelo, os ferroviários do Sul e Sueste não podem ficar indiferentes, porque sejam dum ingratidão espantosa, como homens, e dum absurdo de consciência, como trabalhadores, se deixassem de contribuir neste momento para a A Batalha, para o único jornal que aberta e decididamente os tem defendido e onde a voz de classe tem fortemente ecoado por esse povo.

Em nome pôis, dos mais elevados princípios

de solidariedade, esta Comissão Administrativa apela para todos os ferroviários do Sul e Sueste para que contribuam no próximo pagamento para a A Batalha, não com um escudo — que é hoje uma importância irrisória — mas com aquilo que vontade de cada um seja capaz de suas posses permitir.

Uma vez mais, precisamos provar que a classe sabe compreender os seus deveres para com a restante classe trabalhadora, e que lhe não são indiferentes os apelos de solidariedade como não têm sido em outras conjunturas.

Por parte de todos os camaradas, em todos os quais fiquem as listas para o apelo, deva haver o máximo empenho em abreviar e sua liquidação, para que o apuramento final se faça com rapidez, e a A Batalha não seja prejudicada com demoras indevidas.

Pela A Batalha!
Pelo intemperante defensor do proletariado!

data de 1924

Administrativa

ADMIRAVEL ADMINISTRAÇÃO... BURGUESA

Nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste

Para complemento do que A BATALHA tem publicado sobre incompetência e desmoralização nos Caminhos de Ferro do Estado, podemos hoje afirmar categóricamente, que o ministro do Comércio, o sr. Pires Monteiro, causa alguma percepção de assuntos ferroviários — declara confiar abertamente na competência do incompetente administrador geral que está à frente de tão importantes serviços públicos. As máquinas continuam inutilizadas por falta de providências técnicas. Interessantes e elucidativas promenades sobre o Serviço de Tracção. O fim que espera as caldeiras vindas de Inglaterra

Um verdadeiro estado maior num serviço onde quase não há direcção técnica

Isto, sendo a Repartição da Caixa de Reformas e Pensões uma instituição oficial, cujo funcionamento está regulado por lei, sendo as resoluções da sua Comissão Administrativa tomadas coletivamente, dentro da autonomia que o seu regulamento lhe garante.

Mas há mais e melhor, que demonstra a sua capacidade administrativa.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

A maioria dessas avariadas consiste em terrenos metálicos partidos nos cilindros e nos divisores, dando origem a um maior consumo de água e de carvão.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam-se dificilmente por essa linha fora. São por consequência locomotivas avariadas, carecendo de reparação que se não fiz.

As caldeiras que estavam avariadas eram incapazes de funcionar e por consequência arrastavam

CONTRA A GUERRA

A sessão de ontem no S. U. Mobiliário

Uma exortação dos camaradas espanhóis

Na sede dos Sindicatos Único Mobiliário, Manufactores de Calçado e Oficiais do Município, efectuou-se ontem a anunciada sessão contra a guerra, que esteve regularmente concorrida, presidindo Fernando Rodrigues e secretariando Alfredo Pereira Viz e Carlos Gil.

Falou Gonçalves Vidal, da U. S. O., que lamenta a falta de concorrência a sessão de tal natureza. Verbo o regime a que estão sujeitos os povos, os quais são roubados ao labor quotidiano, ingressando na caserna onde vão encontrar os piores vícios de que a sociedade actual esta vivida. Diz que os povos se devem preparar para agir uma possível configuração, pois que as grandes potências se estão armando para ela, que será muito pior do que a passada.

José de Almeida, da C. G. T., salienta o facto de que se na Alemanha o povo acorrem às armas, foi porque os dirigentes da burguesia se preocuparam em demasia para o militarizar. Disse que esta se desencadear uma nova guerra que será muito mais desastrosa que a última, visto o aperfeiçoamento dos instrumentos de morticínio a que se estão dedicando as maiores potências. Refere-se à subida ao poder em Inglaterra do deusador trabalhista MacDonald que alguma coisa de útil poderá trazer para o povo que trabalha.

Analisando um pouco a política portuguesa, diz que o partido de maior vulto dentro da república, que é o democrático, se vem agora rotular de esquerdistas mas que de facto é o mesmo. Por fim apela para os presentes a fim de que, em todos os lugares onde se encontrem, façam a maior propaganda para que todos os trabalhadores ingressem nos seus organismos profissionais de maneira a habilitarem-se para amanhã tomarem conta da produção.

Manoel Pires, do Sindicato Único Mobiliário, afirma haver uma guerra pior do que aquela que está para se dar: é a guerra entre a Espanha e Marrocos. Diz que a semana sangrenta foi motivada pelo desastre do Anual, onde foram massacrados milhares de espanhóis. Ataca vários generais e o monarca pela sua ambição de ser imperador, atacando igualmente a cobardia do povo trabalhador, pois nos cárceis de Espanha encontram-se 1.005 camaradas presos. Alguns há que pelo facto de escreverem um só artigo e outos por falarem, estão condenados em 10 anos e um dia.

Por fim lê um documento enviado pela Confederação Nacional do Trabalho

emancipação de todos os trabalhadores manuais e intelectuais; 5º - Colaborando com os organismos nacionais e internacionais congêneres e com aquelejantes que tenham por finalidade alguns dos antecedentes objectivos.

O 1.º r.º da revista *Escola Nova* editada pela Associação dos Professores de Portugal, que adoptou por lema a máxima de Pestalozzi *Professor que não avança, recua*, é bem o espelho da grande dose do idealismo dos seus adeptos, profundas aspirações de perfeição, de paz e de solidariedade. O artigo do professor Alvaro de Lemos sobre a ação social do professor, e aquie o professor Cárvalho Duarte sobre a ação social do professor, ante as bodegues tendências sociais, marcam nildamente a orientação da revista e da associação sua editora. Essa orientação, profundamente social, ampliamente libertária, identifica-se com a que é portada pela organização operária portuguesa. Daí o interesse que o Congresso que breve se inaugura deserta. Os trabalhadores que lutam por um mundo melhor, por um homem novo dentro dum sociedade nova, devem combinar os trabalhos dessa reunião com interesse e simpatia.

Assistência Infantil

Na Cruz Quebrada começa hoje a tomar banhos o 2.º turno de crianças

Proseguindo-se na efectivação da simpática iniciativa do vereador sr. Alexandre Ferreira mais 500 crianças começam hoje a tomar banho na Co. G. I. da Cruz Quebrada.

A 8 horas dois carros eléctricos estacionaram no Rossio para transporte das crianças das escolas n.º 92, 29, 12, 21, 44, 75, 41 e 73, da Sociedade de Beneficência da Freguesia da Encarnação, da Escola Oficina e da Cantina de S. Miguel. Em Santo Amaro um carro eléctrico conduziu as crianças das escolas n.º 80, 57 e 73, do Centro Dr. Bernardo Machado, da Sociedade de Promotores e do Centro Socialista. D. Xibregas partiu um carro eléctrico que percorrerá as escolas 20, 71, 15 e 52, das quais transportará as crianças para o Dânilo. Do Dânilo para a Cruz Quebrada as crianças serão transportadas em camionas de serviço de higiene.

Tendo terminado ontem o tempo destinado ao po to da Cruz Vermelha passa hoje a fazer serviço, o Corpo Voluntário de Salvamento Pública, com 1.º emédico, 2 enfermeiros, e 2 maqueiros, sob a direcção do comandante dr. Bento Martim que também estará no local. Este Corpo de Salvamento Pública prestará serviço durante 15 dias destinados aos banhos do 2.º turno de 500 crianças. Amanhã 1.º domingo em que tomarão banho as crianças do 2.º turno, haverá almoço e jantar com a competente sobremesa.

Neste dia começam os exercícios de natação pelas crianças que terão a ensinar-las Bassano Basto, Ruyer da Costa e outros sócios de clubes náuticos.

As cinzas de Jaurés no Pantheon

PARIS, 1. - A Câmara dos Deputados e o Senado aprovaram a proposta de lei relativa à transferência das cinzas de Jaurés para o Pantheon.

As duas casas do Parlamento votaram em última leitura as disposições orgânicas que beneficiam grande número de invalidos de guerra e as enfermeiras pensionistas, que, ficaram feridas em combate ou nele adquiriram doenças.

A SORTE

A IMEDIATA (quarenta contos) da loteria de anteontem, coube ao n.º 4279.

E certo na feliz casa Travassos, rua da Palma, 43, onde foi todo vendido em cartelas e vigéssimos.

Ter o Suplemento de A BATALHA

A BATALHA

Interesses de classe

Breve considerações sobre uma estatística interessante

O último número da *Solidariedade Gráfica* traz um mapa estatístico das oficinas, respectivo pessoal e máquinas existentes no Porto, Gaia e Matosinhos. Este trabalho que é o melhor que existe em Portugal, sobre a gráfica, deve-se aos actuais dirigentes da Liga das Artes Gráficas no Porto, que, apesar de temer que lutar com um grande comodismo da maioria da classe, conseguiram, depois de um árduo trabalho, mostrar o quanto de exploração existe ainda naquela cidade.

O salário mais alto, na gráfica, é no Porto, de 18.000; Gaia, 16.000; Matosinhos, 14.000, nas casas de obras. Nós jorna e a diferença é enorme: na *Comunidade* ganham 18.000, no *Comércio do Porto* percebem só 10.800 (trabalho de dia).

A falta de espírito associativo tem levado os gráficos do Norte àquela enorme disparidade, existindo actualmente mais absurdas diferenças de salário. Enquanto que em 331 compositores há 109 associados, os impressores para 148 dão só 48; havendo também 86 aprendizes para os 331 oficiais de compositores e 106 para 148 impressores.

O total de máquinas e preços existentes é de 334, o que prova que estão um oficial ou mesmo um aprendiz em cada máquina, ficam paradas 80...»

Por último para que se possa fazer bem a análise do espírito associativo gráfico no Porto, basta este simples mapa:

	1895	1905	1924
Sócios existentes	258	260	172
Não sócios, ...	152	379	578
População gráfica	410	639	750

Queixam-se os dirigentes que algo de proveitoso se poderia fazer na classe gráfica mas não comparece nas reuniões do seu Sindicato, discutido sómente pelos cafés e tabernas, dizendo mal de tudo e de todos.

Mas o mal não é só lá, porque há perto de dois anos que foi presente na Associação de Classe dos Compositores Tipográficos uma proposta para que fosse nomeada uma comissão para apresentar um estudo sobre os Conselhos Técnicos e ouvir para elaborar um trabalho sobre as acumulações, e a pesar de estar feito há muito tempo, estamos como no Porto... discute-se no café e na taberna, dizendo mal de tudo e de todos.

Se actualmente existem os Conselhos Técnicos, já teríamos feito trabalho igual, ao que os nossos camaradas da Liga apresentaram e a subisitir esta latura, só mostramos desprêzo pela dia de amanhã.

Uma estatística como deve ser, mostrará o número de catrarias que por estes 4.º andares existem, que só servem para fabricar aprendizes, exercendo a exploração infâme do salário, tornando os bestas de carga, começando a burlar naqueles corpos débiles, a produzir os seus efeitos.

É o salário? Tenho a plena certeza que existe uma disparidade tan grande como a que existe no Porto, e não será preciso ir à casa de obras pois nos jornais também existe isso! Por culpa de quem? Das classes que não sabem agir, muito, especialmente nas questões morais, colocando sempre acima de tudo e não é sempre o material.

Contanto que mesmo que a população associativa em Lisboa, seja mais numerosa, na proporção, nos compositores e impressores, se quizermos fazer um trabalho como deve ser vamos lutar com a falta de unidade nas outras classes, que, quasi cogitadas a nós, vivem numa atmosfera de miséria!

Virgílio MALAQUIAS

Ler o folhetim na 4.ª página

Agremiações várias

Núcleo Sindicalista Revolucionário de Coimbra

R - Uniu a comissão organizadora deste Núcleo dos partidários da L. S. V., que discutiu as respectivas bases e nomeou os corpos administrativos que ficaram compostos por José dos Santos de Moura Coutinho, secretário geral; António Silveira da Vella, secretário adjunto; David Fernandes da Cruz, tesoureiro. A comissão reuniu em breve para organizar os estatutos. Todos que quiseram filiar-se podem fazê-lo às terças e sextas feiras, das 18 às 22 horas, na Casa dos Trabalhadores, rua da Sofia.

Este documento foi recebido com entusiasmo pela assembleia, sendo depois aprovada a moção da U. S. O., ontem publicada, e que foi perlifada pelos sindicatos citados.

A favor de "A Internacional"

GRANDE EXCURSÃO FLUVIAL À VALA DE AZAMBUJA COM ESCALA POR VILA FRANCA DE XIRA

E' amanhã que, tem lugar este magnífico passeio, promovido pelo Núcleo Sindicalista Revolucionário de Lisboa, que todo reina um certo entusiasmo, assim por várias razões já apresentadas ao conselho em reuniões anteriores, continuando, portanto, a manter os seus pontos de vista.

A partida é do Terreiro do Paço, pelas 9 horas prefixos...

Passelo recreativo

O grupo «Os doze manos» realizam amanhã o seu passeio anual, que este ano será às Caldas da Rainha e São Martinho do Porto. A partida efectuar-se-á pelas 20.30 horas, da estação do Rossio, devendo todos os componentes do grupo comparecer às 19 horas, na respectiva sede, rua do Duque, 7.

Pede-se a quem souber do seu paradeiro o favor de o comunicar para a morada acima indicada.

Aos assinantes da BATALHA

Brinde

O depósito geral de lanifícios de F. Ribeiro & C. Irmãos faz descontos especiais, vendendo peles mais limitados preços. Fornece os descontos das Cooperativas do Banco Nacional, Ultramarino e das Estabelecimentos Fábricas do Ministério da Guerra.

Secção de alfaiataria

PEÇAM AMOSTRAS

R. DOS FANQUEIROS. 267 I.º e 2.º

Não tem loja

As cinzas de Jaurés no Pantheon

PARIS, 1. - A Câmara dos Deputados e o Senado aprovaram a proposta de lei relativa à transferência das cinzas de Jaurés para o Pantheon.

As duas casas do Parlamento votaram em última leitura as disposições orgânicas que beneficiam grande número de invalidos de guerra e as enfermeiras pensionistas, que, ficaram feridas em combate ou nele adquiriram doenças.

A SORTE

A IMEDIATA (quarenta contos) da loteria de anteontem, coube ao n.º 4279.

E certo na feliz casa Travassos, rua da Palma, 43, onde foi todo vendido em cartelas e vigéssimos.

Ter o Suplemento de A BATALHA

ABATALHA

TEATRO NACIONAL

— HOJE —
A peça em 4 actos, original do dr. JULIO DANTAS

A SEVERA

Vida Sindical

C. G. T.

O Conselho Confederal, apreciando a remodelação a fazer em «A Batalha», nomeia seu redactor principal Manuel da Silva Campos, por indicação de Carlos José de Sousa

Reuniu na quinta feira o Conselho Confederal com a presença dos seguintes organismos:

U. S. O. de Faro, Evora, Seixal, Almada, Lisboa e Póvoa; Federações: Construção Civil, Mobiliário, Livro e Jornal, Calçado e Couros e Peles, Rural, Empregados no Comércio, Tananaria e Metalúrgica; Sindicatos Nacionais: Arsenais do Exército e Arsenal de Marinhas; Sindicatos isolados: Texteis da Covilhã.

Sendo dispensada a leitura das actas e a meia hora antes da ordem dos trabalhos, foram lidos um ofício-credença da Federação do Livro e do Jornal nomeando delegado António Montaço, e o seu nomeado para redactor, sendo Manuel da Silva Campos da mesma opinião.

Manuel da Figueiredo entende ser nomeado redactor principal, criando-se aí uma discordância, a qual ficará resolvida quando o seu ofício-credença for nomeado delegado para a sessão de amanhã.

Faustino Ferreira discorda da nomeação do seu ofício-credença, a qual ficará resolvida quando o seu ofício-credença for nomeado delegado para a sessão de amanhã.

Manuel da Silva Campos diz que para se remodelar os trabalhos da redacção é necessário que esteje à sua frente um camarada que esteja em vantagem, sendo Manuel da Silva Campos da mesma opinião.

Manuel da Figueiredo entende ser nomeado redactor principal, criando-se aí uma discordância, a qual ficará resolvida quando o seu ofício-credença for nomeado delegado para a sessão de amanhã.

Faustino Ferreira discorda da nomeação do seu ofício-credença, a qual ficará resolvida quando o seu ofício-credença for nomeado delegado para a sessão de amanhã.

Manuel da Silva Campos diz que para se remodelar os trabalhos da redacção é necessário que esteje à sua frente um camarada que esteja em vantagem, sendo Manuel da Silva Campos da mesma opinião.

Manuel da Figueiredo entende ser nomeado redactor principal, criando-se aí uma discordância, a qual ficará resolvida quando o seu ofício-credença for nomeado delegado para a sessão de amanhã.

Faustino Ferreira discorda da nomeação do seu ofício-credença, a qual ficará resolvida quando o seu ofício-credença for nomeado delegado para a sessão de amanhã.

Manuel da Silva Campos diz que para se remodelar os trabalhos da redacção é necessário que esteje à sua frente um camarada que esteja em vantagem, sendo Manuel da Silva Campos da mesma opinião.

Manuel da Figueiredo entende ser nomeado redactor principal, criando-se aí uma discordância, a qual ficará resolvida quando o seu ofício-credença for nomeado delegado para a sessão de amanhã.

Faustino Ferreira discorda da nomeação do seu ofício-credença, a qual ficará resolvida quando o seu ofício-credença for nomeado delegado para a sessão de amanhã.

Manuel da Silva Campos diz que para se remodelar os trabalhos da redacção é necessário que esteje à sua frente um camarada que esteja em vantagem, sendo Manuel da Silva Campos da mesma opinião.

Manuel da Figueiredo entende ser nomeado redactor principal, criando-se aí uma discordância, a qual ficará resolvida quando o seu ofício-credença for nomeado delegado para a sessão de amanhã.

Faustino Ferreira discorda da nomeação do seu ofício-credença, a qual ficará resolvida quando o seu ofício-credença for nomeado delegado para a sessão de amanhã.

Manuel da Silva Campos diz que para se remodelar os trabalhos da redacção é necessário que esteje à sua frente um camarada que esteja em vantagem, sendo Manuel da

Donativos para a compra de material tipográfico

Transporte, 10.890\$00.

José Duarte Gil (B. recausas), 1500; São, 500; Queto na oficina de Fundição da Fábrica Portugal, 340\$00; Um grupo de Electricistas das Companhias Reunidas da Gás e Electricidade, 110\$00; J. L. 1900; Florentino Marques Teixeira da Sintra, 500; Maximiano Joaquim Soares, idem, 250; Delmiro Lopes Veríssimo, idem, 250; Arélio Gomes da Silva, 1900; Manuel Proenca Barata, 250; Antonio Rodrigues Valente, de Portimão, 500; Manuel Martins Júnior, idem, 500; Quetes na Liga dos Oficiais da Marinha Mercante, 7200; Mário Ferreira, 1900; Antonio Ferreira Simões, 1800; João Temoteo de Carvalho, Pórtio, 1900; José Alves da Sá, 2500; Antonio Lucas, 2000; José da Silva (Granja), 250; Um carpinteiro Naval de Seixal, 250; Antonio Gomes Ribeiro, 100\$00; Claudio V. Lourenço, 500; Joaquim Augusto, 250; G. D. C. 500; S. L. J. C., 250; A. S. Costa, 1800; M. M. Antunes, 1800; José Ferreira, 1800; Alfredo José Faria, 1800.

Quete aberta na Padaria Lusitana em Braga; José da Sousa, 250; António Francisco Patrício, 250; Bento Pereira Veloso, 2500; António da Silva, 1800; José Ferreira, 1800; José Quintais, 1800; José Maria da Costa, 250; José dos Santos, 1800; Soma, 1400.

Quete entre um grupo de leitores no Castelo; Frederico Lopes, 2000; Frederico Leitão, Pereira, 1800; Manuel Figueiredo, 1800; João Vidal, 1800; Vitor Figueiredo, 1800; Fernando Vidal, 1800; José Granja, 1800; António Maria da Costa, 1800; José Araújo, 1800; António Quintino Vieira, 2500; Eugénio Rocha, 1800; anônimos, 1800; Augusto Ventura, 1800; Soma, 1500.

Quete entre tipógrafos da Tipografia de Adolfo Mendonça; Quatílio Pinto, 250; Augusto Braga, 1800; Lucinda Pinto, 500; Eduardo Sales, 1800; Vitor Encarnação, 1800; Domingos Bento, 1800; Soma, 7500.

Quete em Aveiro; José António de Assunção, 2500; Francisco Marques Soares, 1800; Um empregado no correio, 1800; Um sargento, 2500; Mário Guedes, 2500; Manuel Vitorino, 1800; Francisco Lamas, 1800; Paulo Boia, 2500.

CRÓNICA DO PORTO

A DANSA DAS ÁGUAS

A "Compagnie générale" não cumpre o contrato. E a Câmara continua a não resolver o assunto, ou forçar a Companhia a resolvê-lo

PORTO, 30.—A Compagnie générale des eaux pour l'étranger, que tão escassamente nos fornece água para as necessidades urgentes da cidade, é composta, na sua quasi-totalidade, por acionistas franceses. Portugueses, poderiam uma meia dúzia de criaturas pertencentes à família dum certo presidente da Câmara, já falecido, e pela morte do qual herdaram um certo número de apólices, com que a dita Compagnie brindou o ilustre extinto como pago dum alto serviço prestado...

Embora, porém, a Compagnie des eaux, para efeitos de envio para a França de todo o capital que nos conseguem arrancar à pele, em troca dum pessimo serviço, seja considerada francesa — para os efeitos do cumprimento do contrato — a compaixia, qualquer que seja a sua nacionalidade, será reputada como um portuguesa; e tanto ela, como os seus empregados, agentes ou operários, ficarão sujeitos às leis portuguesas.

Seja qual for o seu domicílio, considerar-se-há domiciliada na cidade do Porto, e aqui responderá para os efeitos deste contrato, podendo ser citada a pessoa daquela que na mesma cidade exercem a direcção superior das obras ou administração da mesma compaixia.

A 25.ª condição do contrato, indica-nos, pois, que a Compagnie générale des eaux, não está em terreno conquistado, visto pela histórica e trágica ponte das barcas.

O que pode existir é uma sanga pântega entre a Compagnie e o Município, para cuja dança orgâica, este cediu o triste recinto do burgo...

Logo, aquela não tem papão de complicações diplomáticas a deslindar nos meandros do ministério dos estrangeiros. Há simplesmente uma Companhia reputada portuguesa que tem de cumprir fielmente a letra do contrato, e para cujo cumprimento essa mesma "companhia hipoteca" todas as águas, terrenos, construções e obras que lhe pertencem com aplicação ao abastecimento das águas da cidade...

Outa condição 22.ª do contrato é uma basta!... Se não pode cumprir o contrato, desculpe nos o Ruih português...

Pela base 3.ª, a Compagnie générale des eaux ficou logo obrigada a abastecer a cidade com 10.000 metros cúbicos de água. Miss como o Pórtio, como, aliás, qualquer outra terra, estava sujeita aos impulsos do seu desenvolvimento topo-gráfico, populacional, comercial e industrial, a mencionada 3.ª condição acertadamente previu que, à medida que a população fosse crescendo, o abastecimento proporcionalmente deve aumentar, de forma que ele corresponda sempre a 100 litros por dia e por habitante.

A população cresceu consideravelmente, mas o abastecimento é que não foi proporcionalmente aumentado. E assim, aqueles 100 litros a que cada habitante tem direito, segundo a doutrina explicita do contrato, ficam no topo das framoiescas habilidades...

Embora o § 1.º da citada condição nos afirme, no papel, que o volume da água referida "compreende tanto destinada aos usos públicos, como aos usos particulares", as nossas fontes andam a brincar ao págode, e, ainda por cima, vai a nossa excellentíssima Câmara — a nossa excellentíssima Câmara — regular-las, abatendo-lhes ao volume dos 100 litros por dia e por habitante...

O § 2.º da mesma condição 3.ª garante-nos que "os reservatórios e canaços serão dispostos e executados de forma que, em cada uma das zonas, em que for dividida a cidade, o abasteci-

mento se faça proporcionalmente à sua respectiva população, devendo a água colocada na rede de abastecimento de qualquer edifício das outras zonas, por muito inferiores que elas sejam..."

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Portanto, e por razões técnicas e geográficas de pés, só na rua do Costa Cabral e no antigo largo da Aguardente, hoje praça do Mirão de Pombal, que a potentada Compagnie générale des eaux fui desobrigada a dar pressão para que a água suba além do primeiro andar. Mas vovidos uns esfícos que quarenta e tantos anos, constata-se, com exemplos palpáveis, que a malfadada água não consegue sequer potência para la-

mento se faça proporcionalmente à sua crimpejar na pontinha... da torneira... da respectiva população, devendo a água colocada na rede de abastecimento dum qualquer edifício das outras zonas, por muito inferiores que elas sejam...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torneira...

Daí, muito frequentemente, as casas particulares, oficinas, fábricas, restaurantes, hotéis e fontes públicas, situadas no primeiro andar, da rua — não tem uma gota de água a balear na boca da torne

2-8-1924

G. M. Mistérios do Povo

Nº 212

uma gaiola com um macaco, e preso a uma comprida e forte corrente de ferro, couduz um grande urso, que parece um pacífico companheiro de jornada, porque segue seu dono tam docilmente como um cão. O peliqueiro para um instante no morro daquele caminho montuoso do qual se descobre a planicie e a colina onde se acha edificado o burgo; neste momento, dois escravos de cabeça rapada, curvados sob o peso de um grande fardo, suspenso a um remo de bárco, do qual cada uma das extremidades lhes assenta em um dos homens, avançam por uma vereda, que, na distância de alguns passos, corta e se reúne ao caminho seguido pelo peliqueiro; este apressa então o passo para se ajuntar aos escravos; mas elas amedrontadas ao verem o urso que segue o dono, param.

— Meus amigos, não temham medo, o meu urso não é mau, está muito bem domesticado.

Chamando então o animal para junto de si:

— Vem aqui, Monte-Dore!

A esta ordem, responde o urso aproximando-se e sentando-se modestamente; depois ergue, submisso a cabeça para seu dono, que, em pé, diante dele, quase lhe esconde os escravos. Estes, mais socogidos, deram alguns passos ao encontro do peliqueiro, ficando contudo prudentemente em certa distância dele e do urso.

— Meus amigos, que habitação é aquela que eu vejo lá ao longe circundada de um fôsso?

— É o burgo do conde Néroweg, de quem somos escravos.

— Está hoje no burgo?

— Tem grande e real companhia.

— Real companhia?

— Sim, Chram, o filho do rei dos frances, chegou aqui esta manhã acompanhado do seu séquito; nós acabamos de pescar esta carga de peixes para a ceia.

— Tam verdade como eu ter barbas grisalhas, é essa uma boa pechincha para um homem como eu...; poderei divertir tam nobres senhores, mostrando-lhes

o meu urso e o meu macaco... Julgam, meus filhos, que poderei entrar no burgo?

— Oh! nós não podemos dizer nada a esse respeito... nem um estrangeiro passa ordinariamente o fôsso do burgo sem ordem do conde.

— Mas este inverno também aqui veio um domador de animais ferozes, e o sr. conde divertiu-se a vê-los.

— Então de certo que não recusará esta noite oferecer igual divertimento ao seu real hóspede.

— Talvez... É nesse caso o divertimento desta noite ajudará esses senhores a esperarem o divertimento de amanhã.

— Qual divertimento?

— O suplício dos quatro sentenciados hoje; Ronan o Vagro, o eremita lavrador, frade renegado na Vagaria, uma pequena escrava, sua cúmplice, e a bispa, formidável feiticeira.

— Ah! prenderam Vagros por aqui, meus amigos... E foram hoje sentenciados?

— O tribunal reuniu-se ainda há pouco, o filho do rei e o nosso bispo assistiram a ele... Ronan o Vagro e o eremita lavrador foram os primeiros expostos à tortura...

— Recusam confessar que tinham andado na Vagaria?

— Não... pelo contrário, Ronan gabava-se disso.

— Então de que vale a tortura?

— E o que dizia o filho do rei; ele não queria que torturassem Ronan o Vagro; opunha-se a isso com todas as suas forças.

— Mas o nosso santo-bispo pretendeu que uma verdade arrancada pela tortura era mais certa, visto que seria o julgamento de Deus... E ninguém se atreveu a contrair o santo homem.

— Por isso meteram por sua ordem os pés do Vagro e do eremita em azeite a fervor... e eles confessaram segunda vez com pertinacia.

— Depois foram obrigados a levá-los para o ergástulo, não podiam andar.

— E o bispo é muito judicioso, meus amigos... e onde estão os scelerados?

— No subterrâneo do burgo,

— Então não poderão fugir?

— Em primeiro lugar, Ronan o Vagro e o eremita lavrador, ainda que estivessem livres nem sequer poderiam dar um passo em consequência da tortura que sofreram,

— Esquecia-me essa circunstância, meus amigos.

— E dai, o ergástulo é construído de tijolos e de betume romano tão duro como rocha! aquela cova profunda é fechada com uma grade de ferro de barras tam grossas como o braço, e guardada sempre por homens armados.

— Felizmente, que não é possível, meus amigos, esses malditos escaparem ao suplício... E vejo que vossos não são daqueles maus escravos, bastante numerosos, que, segundo dizem, tomam o partido dos Vagros...

— Os Vagros são demônios, e nós desejamos vê-

los torturar até ao último; são os inimigos dos bispos, e dos frances.

— O senhor é humano com vocês?

— E tanto melhor senhor, diz-nos o seu clérigo, quanto mais nos faz sofrer, visto que o sofrimento neste mundo nos fará gozar do paraíso...

— Vamos, meus filhos, eu que sou um pobre homem, considero-me muito feliz em passar algumas horas numa casa povoada de escravos, conforme o preceito de Deus... E já que me precedem no burgo, anunciem a minha chegada ao mordomo do conde... Se esse nobre senhor se se quizer divertir com o meu urso, dará ordem para que eu possa penetrar no interior do seu burgo.

— Vamos anunciar a tua chegada, peliqueiro... o mordomo decidirá...

— E os escravos que, escorrendo em suor, tinham largado por um momento a rede de pescar cheia de peixes grande do lago, o qual ainda se via a saltar por entre as malhas, tornaram a carregar com o pesado fardo e dirigiram-se para o burgo.

— Quando elas desapareceram, o urso levantando-se nas patas trazeiras, atirou com a cabeça aos pés, e exclamou:

— Sangue e mortandade! Eles queimarão amanhã a minha fôrma bispa!...

— E Ronan! o nosso bravo Ronan! suplicado também!... Sofreremos isso, velho Karadeuk?

— Eu vingarei meus filhos... ou morrerei com eles... Oh! Loysik! oh! Ronan! torturados! e amanhã a morte!...

— Tam verdade como as saudades da bispa requeiram-me o coração! a tortura de hoje, o suplício de amanhã, a chegada desse Chram com os seus leudas, tudo isto transtorna os nossos projectos... Em lugar de serem conduzidos e julgados em Clermont dentro de alguns dias, Ronan e a bispa sofrerão o martírio amanhã no burgo...; em lugar de já estarem curados das feridas, tanto Ronan como seu irmão estão inertes os leudas de Chram, reunidos aos do conde e com

IMPORTANTE

SEGUROS MARITIMOS

«A MUNI AL» participa a todos os seus clientes que celebraram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes. Dirigir-se à



A MUNDIAL.

COMPANHIA DE SEGUROS
Capital integralmente realizado, Esc. 600.000\$00—Reservas, Esc. 749.051\$00, 9
SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO
Rua Garrett, 95—Tel. 3894 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

Para conseguir cabeleiras assim



Perfumaria Mendonça
— 43, CALÇADA DO COMBRO, 47
LISBOA

End. Teleg. A ACTIVA TELEF. ACTIVA RUA 24 DE JULHO, 8 a 10 1601-3474

Construções civis

Fatos completos

Actualmente liquidação de saldos das estações anteriores para homem

FATOS desde 179\$00

SOBRETUDOS desde 179\$00

IMPERMEAVEIS desde 175\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 49\$00

Setins, metro desde 17\$00

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Representante da maravilhosa espingarda

A UNICA QUE MATA A 100 METROS e concentradores para 300 metros

Grande depósito de sementes da antiga

CASA VERSCHOORE

JOÃO FERREIRA BRAGA

Escadinhos de Santa Justa, 96

Elephant

149, R. dos Correiros, 151—Lisboa.

Alfaiataria com fazendas baratas e Funchal

UNICOS DEPOSITARIOS

19-A, Rua das Gaivotas, 19-C

LISBOA

TELEFONE C. 5467

1.º Casa das BANDEIRAS E ESTAN-

DARTES

Vendem-se e alugam-se, e Mariatos.

149, R. dos Correiros, 151—Lisboa.

Alfaiataria com fazendas baratas e Funchal

149, R. dos Correiros, 151—Lisboa.

LEILÃO

149, R. dos Correiros, 151—Lisboa.

149, R. dos Correiros, 151—